



**DUAS PRAÇAS DE CAMAQUÃ-RS: PONTOS DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO
SOCIOAMBIENTAL E ESPAÇOS FORMADORES**
Sustentabilidade e Educação

Rafael de Mello Sofia¹
Maria Eloisa Farias²

Resumo A compreensão das potencialidades dos locais educativos informais e formais no desenvolvimento dos estudantes contribuem para uma prática voltada para emancipação e busca constante pelo saber. Neste artigo, são apresentadas duas praças como espaços educativos importantes na formação dos estudantes. Este exemplo evidencia que a utilização destes ambientes proporcionam ao professor ilustrar os conceitos ou determinados conteúdos, consolidando a promoção do saber de maneira significativa para o aluno. Este estudo busca viabilizar a utilização de Espaços Formadores presentes no ambiente urbano, incluindo-os no cotidiano das escolas da rede municipal de Camaquã –RS. Na metodologia foi realizada a revisão bibliográfica e consulta a documentos históricos junto ao Núcleo de Pesquisas Histórico de Camaquã-RS (NPHC), levantando a importância destes espaços, as praças, na formação de professores e alunos como agentes multiplicadores em conceitos de Educação Ambiental e Patrimonial do município. A pesquisa dos documentos, envolvendo as praças, foi submetida à análise de conteúdo de Bardin. Constatou-se que a busca por laços de harmonia entre homem e os ambientes que compõe as cidades, ou seja, os patrimônios culturais e naturais existentes e a história envolvida neles, podem ser pontos de referências e fazer com que as pessoas compreendam que a preservação e recuperação destes espaços, contribuem tanto para a educação quanto para a formação da cidadania.

Palavras chaves: Espaços Formadores. Educação Ambiental e Patrimonial. Agentes Multiplicadores. Locais Educativos.

Introdução

Atualmente nos municípios as áreas verdes são representadas pelas praças existentes no perímetro urbano. Estes ambientes além de serem patrimônio natural da cidade, também são fontes de registros da história da sociedade local, levando consigo as relações de patrimônio material e imaterial, estruturando a identidade do município. Neste contexto, o conhecimento da história da cidade pode levar as pessoas a compreenderem a importância da preservação destes ambientes.

Foram aproveitados, neste estudo, os princípios da Educação Ambiental (EA), pois visam fomentar a sensibilização dos envolvidos na capacidade de identificar os problemas ambientais locais existentes e a partir destas constatações, contribuir com soluções para que de forma conjunta se possa mobilizar ações, que tragam qualidade de vida, implicando na contribuição da consciência social e ética (SERRAT; MUNO, 2008).

¹ Rafael de Mello Sofia, Biólogo da Secretaria do Meio Ambiente- Camaquã- RS. e-mail: rafsofia.rs@gmail.com

² Maria Eloisa Farias, Professora Curso de Biologia- ULBRA/ Canoas – RS. e-mail: mariefs10@yahoo.com.br



Com esta forma de pensar, a disseminação do conhecimento científico pode partir tanto dos ambientes formais como informais, o que se necessita é instigar a investigação de novas práticas educativas que proporcionem este processo pedagógico (MORAIS; FERREIRA, 2014).

Observou-se que a compreensão das potencialidades dos locais educativos informais e formais no desenvolvimento dos estudantes, podem contribuir para uma prática voltada para emancipação e busca constante pelo saber.

Neste sentido, a utilização de Espaços Formadores proporciona com que a cultura científica realmente faça a diferença na formação do estudante, com atividades extraclasse, diferente do ensino de ciências que é desenvolvido em sala de aula, que prima pela memorização de conceitos tornando-o pouco atrativo para o aluno (CARVALHO, 2013).

Os espaços educativos visam contemplar constantemente a investigação de todas as ações socioculturais, aprimorando sempre a exploração de novas práticas pedagógicas que busquem o entendimento do patrimônio e o meio ambiente (SANTOS, 2011).

Estes ambientes educativos, para serem explorados pelos professores, necessitam de planejamento prévio das atividades a serem desenvolvidas e do cuidado com o deslocamento dos estudantes até os locais. Estes fatores contribuem para monopolizar o ensino dentro das escolas, não contemplando a utilização de outros espaços que podem complementar o que foi ministrado durante as aulas. Isto faz com que os espaços informais sejam entendidos como um passeio ou algo esporádico a ser explorado pelo professor em seu planejamento pedagógico, afirmativa muito comum por parte dos educadores.

Dentro dos espaços informais de ensino pode-se ainda classificá-los como espaços informais institucionalizados e espaços informais não institucionalizados. Nos institucionalizados encontramos os museus, zoológicos, jardins botânico, já nos não institucionalizados encontram-se as praças, áreas verdes e trilhas ecológicas em ambientes naturais próximos às cidades (QUEIROZ et al.italico, 2011)

E, entre os ambientes informais com maior potencial para a formação dos alunos para a cidadania encontram-se os espaços públicos, pois são eles que contam a história dos locais e os fenômenos culturais que estão associados a formação da sociedade (MERLIN; QUEIROZ, 2014).



Nesse sentido, os ambientes urbanos promovem uma visão ampla do uso dos espaços para que se possa conviver de forma harmônica com o ambiente. Também é possível observar como em dados momentos o indivíduo pode ser influenciado a tomar atitudes em desacordo com os elementos naturais, onde se pode averiguar onde ocorreram as modificações (se houveram) dos processos sociais e históricos.

Assim, no entendimento dos fatos, a partir da observação, os monumentos históricos sociais permitem que os ambientes urbanos se tornem amplos locais de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, sendo desta forma um espaço educador, que contemple a formação significativa fomentando a investigação como estratégia de ensino, globalizando o conhecimento através de uma teia de conceitos e efetivando o ensino interdisciplinar (PELEGRINI, 2006).

E, para que a interdisciplinaridade proposta acontecesse buscou-se embasamento na Conferência de Estocolmo (1972), complementando-se com a de Tbilisi (1977) que trata a Educação Ambiental como um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender as relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. Ainda para complementar a teoria, o estudo incluiu a Educação Patrimonial como um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

A forma com que se aborda estes dois saberes, a Educação Ambiental e Patrimonial, contemplando diálogo entre o meio natural e o meio cultural, pode construir a formação da compreensão de que as intervenções arquitetônicas em ambientes naturais se consolidam como parte de um ambiente novo e que deve ser preservado (SANTOS, 2011), mas ainda induz a uma discussão amplificada da adaptação destes ambientes arquitetônicos históricos na convivência harmônica com os ambientes naturais.

Para Pelegrini (2006) o trabalho voltado para Educação Ambiental em conjunto com a Educação Patrimonial pode ser utilizado como instrumentos que alavancariam o progresso econômico, promoveriam a preservação dos bens naturais e culturais, assim contribuindo na formação da cidadania. Com a conjunção destas duas formas educacionais pode-se ampliar a



capacidade de aprendizagem significativa das pessoas, formando multiplicadores deste conhecimento integrado para uma consolidação de saberes interdisciplinares.

Santos (2011) afirma que as uniões destas formas educacionais patrimonial e ambiental, preenchem a necessidade das pessoas em contextualizar os saberes não de forma fragmentada, mas sim de forma interdisciplinar. Esta contextualização de maneira integrada proporciona a introdução de saberes comprometidos na formação do homem como elemento importante na constituição da sua história.

Um dos conceitos levantados por Moreira (2005) relata que o aluno não é mero receptor do processo de ensino aprendizagem, mas sim agente deste processo relacionando todo o significado de sua historicidade, correlacionando às semelhanças e diferenças existentes em seu conhecimento prévio para construção de novos conceitos.

Segundo Morin (2003) o conhecimento prévio das pessoas possibilita que eles reconheçam que alguns conceitos muitas vezes demonstrados pareçam verdades, devido a sua história de construção humana, seja por meios religiosos, culturais e/ou ideológicos. É necessário que sejam realizadas desconstruções destes pré-conceitos para uma nova formação conceitual.

Por isso a realização deste estudo busca viabilizar a utilização de Espaços Formadores do ambiente urbano no cotidiano das escolas da rede municipal de Camaquã-RS e também valorizar os conceitos de Educação Ambiental e Patrimonial que emergem a partir de projetos educacionais desenvolvidos em Espaços Formadores.

Metodologia

A pesquisa iniciou com a revisão bibliográfica, de documentos históricos e imagens junto ao Núcleo de Pesquisas Histórico de Camaquã-RS (NPHC). Levantou-se a importância de utilizar espaços como as praças, na formação de professores e alunos como agentes multiplicadores em Educação Ambiental e Patrimonial do município de Camaquã – RS.

Este estudo visou à utilização de Espaços Formadores envolvendo as escolas do município, como pontos de referência para a complementação dos conteúdos estudados nas áreas do conhecimento como Linguagens, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Matemática. Buscou-se também a interdisciplinaridade e a motivação para o desenvolvimento de um ensino que possibilitasse uma educação com pesquisas.



Os dados levantados durante a pesquisa bibliográfica serviram para a construção de palestras que tiveram como objetivo instrumentalizar os participantes das atividades de visitação a espaços formadores, como as Praças Cel. Sylvio Luiz e Dr. Donário Lopes. Nas palestras foram abordados temas referentes ao patrimônio natural e material da cidade, bem como a interdependência desses ambientes e a relação deles com história e a cultura do município.

A pesquisa nos documentos utilizou a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Trata-se de uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. A análise de conteúdo oscila entre dois polos, o rigor da investigação científica e sua objetividade em relação à obtenção de dados, bem como a subjetividade e sua riqueza de informações, visando buscar as informações que estão nas entrelinhas das mensagens emitidas, vindo como um meio de impor um corte entre a intuição e hipótese encaminhando para interpretações mais definitivas (CAPPELLE et al. 2011).

As Praças de Camaquã – RS como pontos de referências para estudos

Para concretização de trabalhos que procurem sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre a preservação e o resgate dos patrimônios naturais e materiais das cidades, é necessário que o público participante receba informações sobre o que está sendo proposto através de conceitos, utilizando-se como base as linhas de pensamento da Educação Ambiental e Patrimonial.

Entre vários instrumentos que podem ser utilizados e que pode atingir grande parte do público alvo são justamente palestras que busquem informar e nivelar os participantes sobre o tema proposto, neste caso, foram utilizados os pressupostos da Educação Ambiental e Patrimonial.

Effting (2007) em seu estudo observa que os processos de sensibilização em questões socioambientais passam pela intervenção de palestras nas escolas, para que a comunidade escolar possa se empoderar dos conceitos que permeiam o tema proposto.

A qualidade do ensino está intimamente ligada na formação da comunidade escolar, para isso são utilizadas diversas interfaces para atingir este objetivo e entre eles, as palestras servem como instrumentos de reflexão sobre o tema (SATO, 2001).



Para a construção das palestras foram pesquisadas imagens dos pontos da cidade que os alunos e professores visitaram, explicando as peculiaridades culturais e ambientais destes locais, bem como a importância deles na formação dos fatores socioambientais do município. As imagens destes locais foram retiradas do acervo do Núcleo de Pesquisa Histórico de Camaquã (NPHC).

O critério de escolha das fotos foi à linha temporal, mostrando a evolução e modificações destes ambientes durante o passar dos anos na cidade. Foram contempladas nas imagens duas praças: Praça Cel. Sylvio Luiz e Praça Dr. Donário Lopes.

Para ilustrar o princípio de urbanização da cidade, o estudo teve seu início pela Praça Cel. Sylvio Luiz, antiga Praça 15 de novembro, um dos mais antigos patrimônios ambientais e materiais da cidade. Foram considerados no levantamento de dados, as sucessivas modificações do ambiente, como se pode visualizar nas imagens da Figura 1.

A Figura 1 representa épocas diferentes da Praça Cel. Sylvio Luiz, sendo que a imagem número 1 exibe a praça na década de 30, a imagem 2 na década de 40, a imagem 3 na década de 50, as imagens 4 e 5 na década de 60, a imagem número 6 da década de 80 e por último a imagem número 7 do início dos anos 2000.

Entre os critérios de organização das fotos para a elaboração das palestras levou-se em consideração a pavimentação das ruas, o tipo de arborização utilizado, o mobiliário da praça, bem como a quantidade de residências e construções no entorno.

A principal característica das fotos mais antigas é a Igreja Matriz São João Batista, que ainda se encontra inacabada, sem sua torre, nos estudos documentais foi descoberto que a igreja levou 100 anos para ser concluída (informação interessante).

Figura 1 - Praça Cel. Sylvio Luiz da década de 30 até os anos 2000



Fonte: Núcleo de Pesquisa histórico de Camaquã (NPHC)

Na análise dos documentos históricos constatou-se que a modificação do ambiente foi demandada segundo as necessidades da população da época, onde gradativamente as instalações da praça receberam novos mobiliários como bancos de alvenaria e muros no entorno. Houve o termino da construção da Igreja e instalações de diferentes instituições. As imagens utilizadas demonstram várias perspectivas da praça, mostrando ângulos diferentes do ambiente, onde se observou as modificações no entorno, uma delas a construção da antiga Hidráulica que ocorreu na década de 60. Esse prédio realizava o abastecimento de água na cidade, hoje é o prédio histórico que sedia a parte administrativa da Companhia Rio-grandense de Saneamento (CORSAN).

Nas imagens mais recentes foi mostrada a consolidação da arborização da praça, com as árvores que caracterizam este ambiente em um bosque informação redundante. Outra particularidade é o aparecimento nas imagens de um obelisco em comemoração ao centenário da cidade no meio da Avenida Olavo de Moraes, em frente à Igreja Matriz São João Batista, hoje este monumento está locado dentro da Praça Cel. Sylvio Luiz. No estudo realizado sobre a troca do obelisco de local foi descoberto que a data de comemoração do aniversário da cidade foi realizada de forma equivocada pelos cidadãos da época.

As imagens da praça foram chegando mais próxima da realidade que hoje conhecemos, com a vegetação arbórea bastante consolidada em bosque, bem com brinquedos



e um mini zoológico no seu interior. Este cativeteiro veio a batizar a praça com um apelido, a “Praça dos Macacos”, devido à presença de micos e bugios neste local. Hoje nesta construção existe a Casa do Poeta Camaquense (CAPOCAM).

Em consulta ao plano diretor do município a Praça Cel. Sylvio Luiz hoje está rodeada de prédios históricos e por isso é protegida por lei como Zona Especial de Interesse Cultural Histórico e Ambiental (ZEICHA).

A outra praça que foi contemplada com imagens foi a Dr. Donário Lopes, onde se buscou ilustrar o crescimento e a expansão urbana do Município. Nas imagens da Figura 2, que segue, contemplou-se o entendimento do deslocamento da cidade para a zona baixa, bem como toda a sua estrutura administrativa, financeira e social que implicam na consolidação de um novo centro.

As imagens da Figura 2 remetem momentos distintos da Praça Dr. Donário Lopes sendo que a imagem de número 1 representa a área na década de 50, as imagens 2, 3 e 4 são da década de 60, a imagem 5 da década de 70, a imagem 6 refere-se a década de 80, a imagem 7 a década de 90 e a imagem 8 é um evento natalino chamado “Natal na Praça” realizado nos últimos anos pelo comércio.

As primeiras imagens escolhidas remontavam as casas e empreendimentos que foram sendo construídos, como o Hotel Central, uma das primeiras hospedarias do município. O que ficou enfatizado nos estudos dos documentos foi à forma em que estava o terreno que hoje abriga a Praça Dr. Donário Lopes, como se fosse um terreno sem nenhuma ocupação.

Figura 2 - Praça Dr. Donário Lopes da década de 50 até os anos 2000



Fonte: Núcleo de Pesquisa histórico de Camaquã (NPHC)

Este fato foi proposital, pois os projetistas do logradouro deixaram o espaço livre destinado para a praça, para que as pessoas ao transitarem pelo terreno deixassem trilhos. A partir destes trilhos é que foram sendo construídos os caminhos que a praça atualmente apresenta, sendo uma informação importante, que merece destaque na análise, pois evidencia o comportamento do indivíduo como uma unidade determinando o desenvolvimento do núcleo urbano.

Outra peculiaridade levantada durante os estudos é que partes do terreno que seria destinado para a praça, foram construídos os prédios de uma escola, Colégio Sete de Setembro, hoje o educandário mais antigo do município, o prédio da Empresa Brasileira de Correios e Telegrafo (Correios) e a Prefeitura Municipal.

Esta praça também está inserida na ZEICHA, ou seja, são ambientes protegidos pelo plano diretor da cidade, por ser um local de importância histórica e ambiental, sendo assim são importantes instrumentos de entendimento da constituição da cidade e da cultura local. Também foram contempladas na pesquisa algumas das construções e ambientes visitados,



sendo escolhidas imagens importantes na construção do ambiente urbano, principalmente os que estão próximos ao centro histórico representado na Figura 3.

Figura 3 - construções e monumentos históricos



Fonte: Núcleo de Pesquisa histórico de Camaquã (NPHC).

A identificação destas imagens da Figura 3 estão respectivamente da esquerda para direita: a Intendência Municipal (1), hoje Câmara de Vereadores, Banco do Comércio (2), anexo da Câmara, Clube Comercial (3), hoje Secretaria Municipal de Educação, Igreja Matriz São João Batista (4), Túmulo do Conego Luiz Walter Hanquet (5), Cineteatro Coliseu (6), Forte Zeca Netto (7), hoje sede da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Desporto, Juventude e Lazer, bem como a instalações do Museu Divino Alziro Becker. Todos estes ambientes foram observados durante a visitação, sendo que no Museu ocorreu a visitação interna.

Algumas Reflexões

Com este estudo constatou-se que os Espaços Formadores contribuem para a construção de conceitos de preservação ambiental e patrimonial. Foi possível identificar a utilização destes Espaços Formadores, como efetivos instrumentos de consolidação dos conceitos estudados na escola.

A mobilização das diferentes áreas do conhecimento, estudando as praças, fez com que os participantes conhecessem ambientes promotores da identidade do seu município.



O conhecimento do patrimônio foi importante para que professores e alunos pudessem discutir com embasamento, as alternativas de solução para resolverem os problemas socioambientais presentes na cidade.

Os questionamentos a partir das palestras evidenciaram a compreensão das implicações da ocupação humana na natureza, assim como a constatação dos efeitos negativos das atividades antrópicas cotidianas.

A sensibilização coletiva provocada pela pesquisa evidenciou a importância das praças como Espaços Formadores promovendo o conhecimento da história local, possibilitando que os participantes (professores e alunos) sabedores da história do lugar, passassem a construir suas definições sobre os ambientes estudados.

Foi reconhecido, através deste trabalho, que os Espaços Formadores devem ser democráticos, sendo eles os incentivadores da Educação Ambiental e Patrimonial, promotores da igualdade na qualidade da educação, permitindo implantar princípios educacionais emancipatórios, buscando a criticidade de estudantes e professores, através da busca pelo conhecimento e visando um pensamento voltado para a construção de um modo de vida mais sustentável.

Referências

ALMEIDA, L. F. R. DE; BICUDO, L. R. H.; BORGES, G. L. DE A. **Educação Ambiental em Praças Públicas: : Professores e Alunos Descobrimo o Ambiente**. Revista Ciência em Extensão, v. 1, n. 1, p. 91–100, 2004

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAPPELLE, M. C. A; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 5, n. 1, 2011.

CARVALHO, A.M.P.de. **Habilidades de professores para promover a enculturação científica**. Revista Contexto & Educação, v. 22, n. 77, p. 25-49, 2013.

EFFTING, T. R. **Educação ambiental nas escolas pública: realidade e desafios**. Monografia (pós-graduação em “Latu Sensu” planejamento para o desenvolvimento sustentável), Centro de ciências agrárias, Universidade Estadual do Oeste, 2007.



- MERLIN, J. R.; QUEIROZ, A. N. **Espaços Públicos : suas potencialidades educadoras e a construção da cidadania**. III ENAPARQ, n. 1, p. 1–12, 2014.
- MORAIS, C. S. DE; FERREIRA, H. S. **A educação não-formal para a promoção da cultura científica e tecnológica no ensino da química e das ciências**. REDEQUIM, v. 2, n. 1995, p. 45–55, 2014.
- MOREIRA, M.A. **Aprendizaje significativo crítico (Critical meaningful learning)**. Indivisa. Boletín de estudios e investigación, n. 6, 2005.
- MORIN, E. **Educar en la era planetaria**. Editorial Gedisa, 2003.
- PELEGRINI, S.C.A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. Revista brasileira de história, v. 26, n. 51, p. 115-140, 2006.
- QUEIROZ, R. M. DE et al. **A Caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências**. Revista Areté, v. 4, n. 7, p. 12–23, 2011.
- SANTOS, N.R.Z dos; TEIXEIRA, I.F. **Arborização de vias públicas: ambiente x vegetação**. Santa Cruz do Sul: Instituto Souza Cruz, 2001.
- SANTOS, T. F. DOS. **O patrimônio como estruturante das práticas pedagógicas: a(s) metodologia(s) da educação patrimonial em perspectiva desde a ótica da educação ambiental**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande - Mestrado em Educação Ambiental, p. 152, 2011.
- SATO, M. **Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental**. Educação: Teoria e Prática, v. 1, n. 2, p. 24, 2001.
- UNESCO.(United Nations Conference on the Human Environment), 1972.
- UNESCO em colaboração com o PNUMA. - “**Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**”, 1977.